

Trabalhadores ficam na mira de traficantes

Motoristas e cobradores de ônibus, motoboys e taxistas relatam ameaças em bairros dominados por criminosos

▄ **RUHANI MAIA**
ruhani.maia@redegazeta.com.br

▄ **VICTOR MUNIZ**
vmelo@redegazeta.com.br

“O silêncio é a nossa segurança.” Mais do que a prudência na hora de dirigir e a atenção no trânsito, é a boca fechada que garante uma dia de tranquilidade para centenas de trabalhadores que oferecem, diariamente, serviços à população em bairros dominados pelo tráfico de drogas.

Para circular nessas regiões e não sofrer ameaças, motoristas de ônibus, motoboys e taxistas precisam seguir as regras determinadas pelos criminosos.

Durante duas semanas, a reportagem circulou em várias linhas de ônibus que atendem aos 126 bairros dominados pelo tráfico na Grande Vitória.

Por medida de segurança, as linhas dos coletivos e os bairros onde eles trabalham não serão identificados. “O traficante é quem manda em tudo. Motorista tem que ser cego, e se falar qualquer coisa corre o risco de morrer. Não pode falar nada. Eles são autoridades máximas”, afirma um motorista do sistema municipal de Vitória.

A prática de pular a roleta é destacada com unanimidade entre motoristas e cobradores como a mais comum nos bairros regidos pelo tráfico, sendo que os municípios de Serra e Cariacica são os locais onde ela mais acontece na Grande Vitória.

“É assim: se você não abrir as portas do meio e as de trás é um problema. São poucos os que entram pela frente. A gente vai no final do bairro e volta. Quando para no ponto, tem que deixar as portas abertas”, explica um cobrador do Transcol.

Os trabalhadores também ressaltam que muitos moradores acabam se aproveitando da lei do tráfico. “São moradores,

40 mil

pulos de roleta são registrados, por mês, na Grande Vitória.

100 mil

reais é o prejuízo mensal, segundo a Companhia de Transportes Urbanos da Grande Vitória (Ceturb)

alunos de escola... Eles se aproveitam e a gente não pode falar nada porque pode ser ameaçado”, conta um motorista.

Em uma das ocasiões, um ônibus do Transcol que circulou por um bairro inteiro da Serra e chegou a ficar lotado teve, ao final do trajeto, apenas oito passageiros que pagaram passagem.

Outro ato comum é o embarque fora do ponto de ônibus. Em alguns bairros dominados pelo tráfico, há passageiros que chegam a dar sinal para chamar o coletivo e embarcar na porta da casa onde mora.

Um motorista foi perseguido e ameaçado de morte por três adolescentes porque, por duas vezes, não parou fora do ponto de ônibus para eles. Em contrapartida, nos lugares dominados por traficantes, o transporte público não é alvo de assaltos. “A gente não é assaltado. Se for, os traficantes fazem valer a lei deles”, diz um cobrador.

SEM ACIDENTES

Nos bairros dominados pelo tráfico, acidentes de trânsito devem ser evitados. Motoristas re-

lataram que, em casos de batidas, chegaram a ser perseguidos e ameaçados por pessoas ligadas aos traficantes. “Uma pessoa foi até o ponto final e uma outra me rendeu, ameaçando me matar por causa de um acidente. Apontaram uma arma para a cabeça do rapaz que trabalhava comigo, e falaram para eu não voltar no bairro”, lembra um motorista do Transcol.

Além das ameaças, os profissionais têm medo de serem linchados ao se envolverem em acidentes. “O maior medo é de acontecer um acidente. O risco é de linchamento é muito grande”, contou.

CARONA INDESEJADA

Os coletivos também são usados para tráfico de drogas. “A gente conhece todos eles. Eles embarcam geralmente de madrugada, vão de um bairro para o outro, desembarcam. Isso tudo eles fazem sem pagar passagem. Já cheguei a sair de um terminal com o ônibus vazio e, no meio do caminho, dois, três embarcaram, fumando. Eles aproveitam o ônibus para fazer tráfico de drogas. A gente acaba trabalhando sob tensão”, desabafa um motorista.

A lei do silêncio impera entre os trabalhadores. Raramente as ameaças são reportadas às empresas ou à polícia. O diretor do Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários (Sindirodoviários) do Espírito Santo, Edilson da Vitória, conta que motoristas e cobradores vivem amedrontados em bairros dominados por traficantes.

Muitos chegam a pedir à instituição um apoio para trabalhar em outra linha e não frequentar mais os bairros. “Se ele barrar alguém que está pulando a roleta, é marcado. Ou o motorista sai da linha ou alguém vai atrás dele.



“

Se ele barrar alguém que está pulando a roleta, é marcado. Ou o motorista sai da linha ou alguém vai atrás dele”

— **EDILSON DA VITÓRIA**
PRESIDENTE DO
SINDIRODOVIÁRIOS

“

Quando chega ao bairro, o motoboy tem que se identificar, falar o que está carregando”

— **ALEXANDRO MARTINS COSTA**
PRESIDENTE DO SINDIMOTOS

Se o cobrador impedir que pule a roleta, é ameaçado. Quase todos os dias eles recebem ameaça. Se motorista e cobrador for para dentro da delegacia por toda ameaça que sofrer, vai ficar lotado. Tenho muitos pedidos para troca de linha por causa de ameaças”, explicou.

Edilson ressaltava ainda que motoristas e cobradores têm que se manter calados e obedientes quando os criminosos impõem toque de recolher na região. “Temos que cumprir.”

HORA MARCADA

Assim como os motoristas e cobradores de ônibus, os motoboys que vão aos bairros dominados por traficantes também são vigiados e ameaçados.

De acordo com o presidente do Sindicato dos Motociclistas Profissionais do Estado do Espírito Santo (Sindimotos), Alexandre Martins Costa, são os traficantes que autorizam a entrega ou não de produtos e, por causa dessa violência, os motoboys são orientados a trabalhar somente até as 19 horas.

“Temos dificuldade de exercer nossas atividades, seja entregando lanches, encomenda ou qualquer outro objeto. Eles que-

MARCELO PREST



motoristas do Transcol

“Temos aquela intimidação de pular a roleta, não tem segurança mesmo. Temos que obedecer às regras deles, porque a empresa não quer dor de cabeça. Ela orienta a deixar. É uma sensação de impunidade, de estar trabalhando e não ter direito nenhum.”

Serra

“O que a gente mais vê é colega sendo ameaçado. Para a gente é perigoso, você sai e não sabe se volta vivo. Trabalhamos sob tensão, já pensei em sair da empresa por causa disso. Acho muito perigoso.”

Cariacica

“A gente corre o risco de passar por uma troca de tiros, de um cara entrar para matar dentro do ônibus. Um colega está afastado com síndrome do pânico por causa disso. Trabalho com medo, principalmente à noite e no fim de semana. A nossa saúde vai embora.”

Cariacica

No bairro Castelo Branco, em Cariacica, bandidos atearam fogo a um ônibus do Transcol

Toque de recolher e fogo após mortes

« A morte de um traficante, seja por um rival ou em confronto com a polícia, também muda a rotina dos trabalhadores que precisam circular nos bairros dominados pelo tráfico de drogas. Protestos, destruição de ônibus e toque de recolher são algumas das táticas usadas pelos criminosos para impor medo à população, retirando o seu direito de ir e vir.

Nos últimos três meses, dois atos de vandalismo contra ônibus foram registrados, em Vitória e em Cariacica. O primeiro deles, ocorrido no dia 13 de setembro no bairro Mário Cypreste, na Capital, terminou com a depredação de três ônibus do sistema municipal de Vitória e com o furto do dinheiro da gaveta de um dos coletivos.

“Eu vinha com o ônibus e, quando passei por uma curva, vi que estava tudo fechado por pneus e fogo. Era a minha última viagem. Parei o ônibus e um homem veio, nervoso, jogando uma ripa em minha direção. Também chegou um homem com a mão na cintura, como se estivesse com uma arma, querendo me ameaçar. Eles dão sinal e se você falar alguma coisa, sofre ameaça”, contou um dos motoristas que foi cercado durante o protesto.

O motivo do protesto foi a morte do jovem Geydson Morethzson, 22 anos. Policiais militares faziam patrulhamento no Morro dos Alagoanos quando

foram recebidos a tiros. Eles revidaram os disparos e Geydson acabou sendo ferido por dois deles, segundo relato da PM.

Pouco mais de 20 dias depois, um ônibus do Transcol foi incendiado no bairro Castelo Branco, em Cariacica. O coletivo foi interceptado por um carro e dois criminosos desceram do veículo exigindo que o motorista, o cobrador e os passageiros saíssem do veículo.

A dupla jogou gasolina e ateou fogo ao ônibus. Horas depois, os criminosos determinaram um toque de recolher na região, proibindo a abertura de comércios e escolas, e impedindo que os coletivos circulassem no local. “Quando matam um traficante, os bandidos praticamente fecham o bairro. Fica difícil trabalhar”, acrescenta um cobrador do sistema Transcol.

““

Quando matam um traficante, os bandidos praticamente fecham o bairro. Fica difícil trabalhar”

—
COBRADOR DO TRANSCOL
CARIACICA

Tiros para quem recusar corridas

« Seguir regras impostas por bandidos para poder trabalhar também faz parte do dia a dia dos taxistas que circulam pelos bairros da Grande Vitória.

São diversas as regiões onde a situação é perigosa para a categoria, de acordo com o diretor do Sindicato dos Taxistas do Estado do Espírito Santo (Sinditáxi), Nailton Xavier de Almeida.

“Para o taxista subir alguns morros e bairros mais perigosos, dependendo do horário, tem que ser de farol apagado, vidro aberto e andando bem devagar. Se não corre o risco de levar um tiro”, ressaltou.

Segundo Nailton, na Capital, os bairros mais perigosos para os taxistas são Jabour, Itararé, Bairro da Penha e São Pedro. Em Vila Velha o risco maior está nas

regiões de Boa Vista, Soteco, Aribiri, Jaburuna, região de Grande Terra Vermelha e Guaranhuns. Na Serra, o diretor cita Jardim Carapina, Feu Rosa, Vila Nova de Colares e Central Carapina como os mais temidos. Em Cariacica, a região de Castelo Branco é unanimidade.

Todos esses bairros estão presentes na lista dos 126 da Grande Vitória onde o tráfico de drogas domina e impõe restrições a moradores e trabalhadores.

O diretor ainda relatou casos em que taxistas acabaram se tornando vítimas da violência. Um deles foi na região de Porto Novo, em Cariacica.

“Teve um taxista que se recusou a levar um traficante, pois sabia que era bandido. O cara ficou com raiva, voltou armado e

atirou nele”, conta Nailton.

Em outro caso, uma corrida até Jesus de Nazareth, em Vitória, acabou restringindo a vida dos taxistas da Serra, por causa da guerra entre gangues.

“Os taxistas da Serra não podem nem pensar em subir em Jesus de Nazareth. Tudo porque uma vez um cara chegou de táxi do município no morro e baleou um bandido. Eles não sobem lá. Se subirem, é bala”, relatou Nailton, que ainda completou: “O tráfico está em toda parte e muitos traficantes usam os táxis até para se locomover. A gente acaba sendo vítima também. Não tem como a gente saber quem é bandido e quem não é”.

LEIA AMANHÃ Novas delegacias para combater o tráfico de drogas

rem saber para quem você vai fazer a entrega, e se vão autorizar ou não. Se for morador que tem problema com algum traficante, por exemplo, o traficante não deixa nem entrar no bairro. Certa vez, no Bairro da Penha, em Vitória, um motoboy foi entregar uma pizza, foi abordado por um traficante e não deixaram ele fazer a entrega. Ele parou o motoboy, mandou retirar o capacete e disse que ninguém entregaria nada para a pessoa que havia pedido a entrega”, contou Alexandre.

O sindicato tem reforçado a necessidade dos trabalhadores circularem uniformizados, de serem mantidos no mesmo bairro, e de não ostentarem pertencentes enquanto trabalham.

“Quando chega no bairro, o motoboy tem que se identificar, falar o que está carregando e para quem vai entregar. Tem traficante que revista tudo. Por isso, orientamos que os entregadores atuem sempre no mesmo bairro, para que ele seja conhecido no local, e também que não ostente celular, nem relógio e nem joias. Os motoboys têm que andar conforme as regras dos traficantes. O profissional trabalha com medo”, concluiu.